



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
CURSO DE LETRAS A DISTÂNCIA

ANA GLÉCIA RAMOS DE SANTANA

**O ESTUDO DA LITERATURA NA CONTEMPORANEIDADE: Como a  
poética é realizada nas canções.**

CAMAÇARI-BA  
NOVEMBRO DE 2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
CURSO DE LETRAS A DISTÂNCIA

ANA GLÉCIA RAMOS DE SANTANA

**O ESTUDO DA LITERATURA NA CONTEMPORANEIDADE: Como a  
poética é realizada nas canções.**

Artigo apresentado ao Curso de Letras a  
Distância da Universidade Federal da  
Paraíba, como requisito para a obtenção  
do grau de Licenciado em Letras.

**Orientador: João Batista Pereira**

CAMAÇARI-BA  
NOVEMBRO DE 2013

ANA GLÉCIA RAMOS DE SANTANA

O ESTUDO DA LITERATURA NA CONTEMPORANEIDADE: Como a poética é realizada nas canções.

Artigo apresentado ao Curso de Letras a Distância da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca examinadora

---

Orientador: João Batista Pereira.

---

Examinador: Eveline Alvarez Dos Santos

---

Examinador: Jefferson Cardoso Oliveira

## DEDICATÓRIA

A minha família, mãe, irmão e irmã pela paciência e o companheirismo. A todos os meus amigos pela preocupação e cuidado em todo decorrer dessa etapa.

Amo vocês!

## RESUMO

O presente artigo tem a finalidade de discutir novas abordagens para análise das canções, com objetivo de compreender a poética das canções contemporâneas de como a poesia é realizada nas canções populares brasileiras, apresentando uma leitura cronológica, mostrando a importância da literatura a partir dos percursos das ideias mais antigas para os dias atuais, utilizando uma linguagem clara, elaborada e geradora de sentidos. Percebe-se que a música é um instrumento didático para a construção da história, pois ao trabalhar com ela o aluno poderá descobrir o momento posterior e analisar todo seu contexto histórico e a poética nela envolvida para a construção da canção. Serão analisadas as canções: “O Que” de Arnaldo Antunes e “A Terceira Margem do Rio” de Caetano Veloso e Milton Nascimento. Depois de analisarmos as canções partiremos de estudos teóricos para compreender como a poética é realizada nas canções e como está sendo desenvolvida. O tema foi escolhido a partir do interesse de verificar a essência da poética nas canções contemporâneas, que não está nos conteúdos, mas no modo pelos quais esses conteúdos se enfrentam, compreendendo os vários sentidos que o poema pode assumir diante do contexto idealizado. Conclui-se a importância dos elementos sociais e culturais integrados a obra musical, entretanto esses elementos não são encarados como antes, mas sim, re-encarados como elementos que constroem uma nova roupagem de uma obra literária.

Palavras chave: Literatura, Poética, Canção.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	7
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	9
2.1 O Estudo da Literatura na Contemporaneidade .....	9
2.2 A Poética nas Canções Literárias .....	11
3. “O QUÊ” E “A TERCEIRA MARGEM DO RIO”: ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> .....	13
CONCLUSÃO .....	21
REFÊRENCIAS .....	22

## 1. INTRODUÇÃO

A literatura contemporânea vem vivenciando um período de mudanças, tanto na tecnologia, economia, política quanto nas artes, na música e na poesia com duas constantes: Uma cada vez mais apurada na reflexão sobre a realidade e a outra na busca de novas formas e expressões.

A pesquisa apresenta como tema central “O Estudo da literatura na Contemporaneidade: Como a Poética é Realizada nas Canções”, vem mostrar a produção e variação de sentidos existente em uma obra literária. O tema foi escolhido a partir do interesse de verificar a essência da poética nas canções contemporâneas e os vários sentidos que o poema pode assumir diante do contexto idealizado, identificando a relação entre canto e fala canção e poesia mais especificamente como a poética é realizada nas produções contemporâneas.

O presente trabalho apresenta uma leitura cronológica, levando em consideração a importância da literatura a partir dos percursos das ideias mais antigas para as mais atuais, utilizando uma linguagem viva, uma linguagem elaborada e geradora de sentidos. Nota-se que ao passar dos anos a problemática define a abordagem da literatura que vem formando as reflexões sobre a literatura contemporânea, principalmente nas canções, mostrando que a partir do movimento Bossa Nova as mudanças vão acontecendo no Brasil e os traços poéticos das canções populares deixam de ser meramente um texto e passa a ser visto e analisado com grande riqueza na aproximação das letras de canções como prática poética para a literatura.

O objeto de estudo dessa pesquisa é descobrir não apenas a forma nem o conteúdo e sim, o processo que liga um ao outro em uma produção literária, buscando identificar uma linguagem concreta, analisada e diversificada, construindo uma manifestação de várias linguagens. Serão analisados o poema/canção “O que” de Arnaldo Antunes e ‘A Terceira Margem do Rio” de Milton Nascimento e Caetano Veloso.

O desenvolvimento dessa pesquisa tem com estudo as propostas de Aristóteles arte retórica e arte poética. Tatit Perrone análise semiótica através das letras.

Antônio Candido o estudo analítico do poema. Amador Ribeiro a linguagem da poesia. Jakobson linguística e comunicação, onde para esses estudiosos a poeticidade não acrescenta ao discurso ornamento retórico, mas sim apresenta uma total reavaliação do discurso e todos os seus componentes do texto passam a ser uma figura poética.

Diante dos acontecimentos musicais contemporâneos, no qual a música passa por uma renovação estrutural e melódica, torna-se fundamental identificar as diferentes formas de linguagem existente nas canções, verificando a importância da poesia nas canções literárias estimulando a capacidade de compreendê-las, transitando e fomentando reflexões sobre a abordagem da poética nas canções contemporâneas.

A estrutura do trabalho está dividida em tópicos: Fundamentação Teórica; O Estudo da Literatura na Contemporaneidade; A Poética nas Canções Literárias; Análise do corpus O que e Terceira Margem do Rio; Conclusão: Referências;



## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 O Estudo da Literatura na Contemporaneidade

Literatura para os estudiosos, amantes e professores de letras diz respeito à arte da palavra. Segundo Aristóteles, filósofo da Grécia antiga do Século IV, que influencia até os dias de hoje, as questões literárias, em sua *poética* o texto que inicia seus estudos, no primeiro capítulo do seu livro “da poesia da imitação segundo os meios, objetos e modo de imitação”, diz que “a epopéia e a poesia trágica assim como a comédia, a poesia ditirâmbica, todos se encaixam nas artes de imitação” (ARISTOTELES, 1968, p.289). O que o pensador revela é a arte da imitação como aquela arte que imita ações, paixões, e propriedades através das palavras. Ele nos ensina que a imitação é algo da natureza humana e que o sujeito sente prazer nesse ato de criatividade que é imitar, respeitando à relação entre o real e o ficcional.

Com o passar do tempo à arte da palavra vai conquistando contornos ganhando novas formas e conceitos. Para Terry Eagleton, em seu livro *Teoria da literatura, uma introdução* “a literatura emprega a linguagem de forma particular (...) a tessitura, o ritmo e a ressonância das palavras superam seu significado abstrato”. O pensador ainda percorre teorias como Fenomenologia (a ciência dos fenômenos), que segundo o autor influenciou os Formalistas Russos no âmbito da crítica literária. Para esse estudo, o fenômeno poderia ser compreendido de maneira adequada total e pura, através do que nele há de essencial e permanente. Em seguida apresenta a Hermenêutica (a ciência ou arte da interpretação). Mostra como ele enxerga a história como um “diálogo vivo entre o passado, presente e futuro”. Diz ainda que a hermenêutica tende a permear nas obras do passado.

Segundo a perspectiva Eagleton, ele percebe a obra como cheia de indeterminações, características que passam a ter efeito, dependendo da interpretação do leitor.

Diferentes leitores tem a liberdade de concretizar a obra de diferentes maneiras, e não há uma única interpretação correta que esgote seu potencial semântico. Essa generosidade, porém, é condicionada por uma instrução rigorosa: o leitor deve construir o texto de modo a torná-lo inteiramente coerente. (EAGLETON, 2001 p.111).

São muitos os estudos existentes sobre a literatura e sua essência, além dos formalistas temos ainda o Estruturalismo, o que exerce de examinar as leis gerais, pelas quais as estruturas funcionam. Diz Eagleton: “Só nos tornamos estruturalistas convictos quando pretendemos que o significado só existe em relação à outra imagem”. As imagens não tem significado substancial, apenas o significado racional. (EAGLETON, 2001.p.130).

Diz Eagleton que o florescimento do estruturalismo literário na década de 1960 foi resultado de uma tentativa de ampliar o ensinamento em métodos de Ferdinand de Saussure à literatura.

A escola linguística de Praga – Jakobson, Jan Mukarovsky, Feliz Vodika e outros, representou uma espécie de transição do formalismo para o estruturalismo moderno. Esses teóricos desenvolveram as ideias dos formalistas para o estruturalismo moderno. Esses teóricos desenvolveram as ideias dos formalistas, mas sistematizaram-nas com maior firmeza dentro do quadro da linguística Saussuriana. (EAGLETON, 2001, p. 136).

O novo olhar de alguns teóricos, revelam que a obra literária de forma contínua, transforma o sentido dicionarizado, enriquecendo e fazendo com que novos significados sejam produzidos através do choque e da condensação de vários níveis. A poética para Jakobson preocupa-se com o que faz de uma mensagem verbal uma obra de arte. A poeticidade para ele não acrescenta ao discurso ornamento retóricos, mas sim apresenta uma total reavaliação do discurso e de todos os seus componentes verbal passa a ser uma figura poética. A poesia, para Roman Jakobson, é um tipo de linguagem, estes não podem deixar de fora das suas pesquisas, suas funções poéticas da linguagem e um especialista de literatura não pode deixar de lado em seus estudos, os problemas referentes à composição da obra. Em fim, para ele a afirmação poética surge quando o eixo de similaridade se projeta no eixo de contiguidade.

No Brasil Antônio Candido é um dos mais influentes críticos literários e que muito acrescentou aos estudos literários no país. Segundo o autor, antes o aspecto social era visto como uma essência realizadora da obra, depois retornou a posição oposta em que a importância passou a ser dada ao material formal, independente de qualquer contexto, sobretudo social. Percebe-se que a literatura para Candido é uma criação estética que se caracteriza de aspectos sociais para sua composição. Estes elementos do social integrados a obra, não devem ser encarados como os mesmos de antes, da realidade social do qual foi tirado, mas encarados como elementos que atuam na organização interna da obra, de modo a constituir uma estrutura particular. Para Antônio Candido a estética da estrutura deve-se assimilar a dimensão social como forma de arte, assim “externo se torna interno e a crítica deixa de ser sociológica para ser apenas crítica” (CANDIDO, 2010.p.17). Para ele, o primeiro passo (que apesar de lógico deve ser assimilado) é ter a consciência da relação arbitrária e de forma que o trabalho artístico estabelece observá-lo e transpô-la rigorosamente, pois a mimese é sempre uma forma de poesia (CANDIDO, 2010.p.12).

Os muitos caminhos que a literatura vem percorrendo além dos teóricos que representaram e ainda representam independentes as suas teorias diferentes em suas abordagens, mas, com traços teóricos comuns. Em todas elas é a palavra e seu uso que faz a diferença, não o uso novo, singularizado, um uso literário da palavra. A literatura em estudo é vista como uma manifestação de arte e a palavra é seu material. É a linguagem que se torna vida, uma linguagem elaborada geradora de sentidos.

## **2.2 A poética nas canções literárias**

A poesia é uma maneira especial de manifestação da linguagem, a sua forma de comunicar é permeada de especificidade, o que implica em regras também específicas para a sua abordagem e análise, mas ainda antes de tudo isso, a poesia enquanto uma arte da palavra, já carrega consigo ambiguidades. O poeta explora a ambiguidade sem limites,

buscando tal efeito de fazer linguagem com o máximo de significados. Uma busca constante para operar os significados de um jogo persistente entre som e sentido, surge naturalmente uma proliferação de significados, relevando antes de tudo eficiência na sua comunicação poética. Como propõe Ezra Pound. “literatura é simplesmente linguagem carregada de significado até o máximo grau possível”. (POUND, 2006, p. 32). É uma obra literária dentro da obra literária.

Ainda para cooperar para essa variedade de sentido que o poema pode assumir, podem ser levados em consideração os laços estreitos que há entre texto e contexto em que este foi produzido. Um bom poema não se esgota com o tempo, sua leitura poderá operar vários sentidos em diferentes tempos e lugares causando o fator estranhamento. O fator estranhamento aqui é definido como o não conhecer; Toda vez que nos deparamos com o objeto artístico é como se estivéssemos vendo pela primeira vez, assim o poema lido em diferentes momentos pelo mesmo leitor pode gerar distintas interpretações.

Nenhuma criação artística está isolada no tempo ou espaço, o que verifica a possibilidade de dialogar com diversas manifestações de comunicação e linguagem. Isso implica que a poesia dialoga em varias áreas do conhecimento não apenas se restringindo a textos literários. Fica a critério do receptor do poema a sua leitura, análise e interpretação. Nesse processo é fundamental que em primeiro momento, a atenção esteja completamente voltada para os aspectos mais perceptíveis do texto; a sua forma; que palavras são utilizadas e como se combinam, ritmo e som que produzem. Já em uma segunda leitura, cabe tentar fazer uma conexão entre o dito através do texto e o contexto histórico em que o poema foi escrito. Geralmente é necessário reler um mesmo poema varias vezes, isso contribui para a compreensão do seu sentido, ainda que varias interpretações seja atribuídas.

No livro a Linguagem da Poesia, Amador Ribeiro lembra que poesia é sempre algo a mais. Aquele algo que depura a palavra e lhe permite ser uma figura singular, e outro suficiente.

Na Grécia antiga poesia e música conviviam sem distinção e discriminação, toda essa prática era oral e transmitida de geração em

geração, sem conflitos. A questão da poesia de livro e letra de música é bastante complexa, críticos acreditam que poesia seja coisa de livro, e letra de música é coisa para se cantar. No entanto Platão (século V a.C.) já se interrogava: “o que são os versos dos poetas quando se lhes tira o colorido que lhes empresta a música?” Platão refere-se à música como arte bela de conteúdo, melodia e significado positivo. A música assim como toda arte expressa valores e pode ser um meio de analisar e entender as transformações sociais, políticas e culturais ocorridas em uma sociedade contemporânea. O rompimento entre música e poesia se dá com a chegada da escrita na folha de papel, a palavra vai ganhando autonomia a composição dos versos e poesia vai se distanciando da palavra falada da memória oral dos povos.

A poesia vira uma estrutura à parte. A música por sua vez verticaliza-se em virtude da sonorização com a Bossa Nova a partir dos anos de 1950, as mudanças vão acontecendo no Brasil, os traços poéticos das canções populares derivam diretamente no poético daquele momento literário, surgem e se torna muito difícil estabelecer uma zona confinante entre uma “letra de música” e uma “poesia”. Existem muitos músicos de MPB que além de serem compositores são poetas assim como, Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil, Vinicius de Moraes, entre outros. Também pode se citar Arnaldo Antunes, Chico César, Adriana Calcanhotto, e outros, que trazem uma roupagem nova para a música.

É fundamental perceber a relação entre canção e poesia, canto e fala, para explorarmos os aspectos musicais analisados. O professor americano Charles A. Perrone propõe o resultado final da produção artística “a canção se concretiza pela composição que reúne letra e música”. O autor enfatiza constantemente em suas análises o que as letras têm de poético, indicando soluções para tamanha criatividade literária, considerar ainda a natureza peculiar do lirismo musical que não exclui uma comparação frutífera com a prática literária. A contribuição de Perrone renova o pensar música/poesia, dando um salto para o estudo das canções literárias.

Outro autor que contribuiu para o aprimoramento do estudo das canções como poesia foi Luiz Tatit, que iniciou uma nova etapa de pesquisa da canção. No seu livro “O cancionista: composição de canções no Brasil”, Tatit investiga o modo dos cancionistas brasileiros, esclarecendo a base argumentativa que pode ser configurada como formulação de seu fundamento principal sobre a “dicção do cancionista”. O autor lança mão de conceitos que possam analisar características recorrentes em todas as canções. Segundo Luiz Tatit, o cancionista pode ser o interprete, arranjador e principalmente o compositor de canções.

É um malabarista, por sua capacidade de equilibrar a melodia no texto. Com a melodia tem-se a linearidade continua e com o texto temos a linearidade articulada. Ele explica e exemplifica a estreita relação ente o falar e o cantar na nossa música popular, falando em geral da irregularidade dos aspetos sonoros. A canção preserva e acentua o aspecto sonoro que passa a ser planejado e poderá ser perpetuado como a obra, principalmente com a possibilidade do seu registro técnico através da gravação. Aparece então o texto acentuado pela entoação, justamente o ponto que faz um texto cantado se diferenciar do texto falado. Se na voz que se fala o principal é o que é dito, na voz que canta interessa a sua maneira de dizer.

### **3 “O quê” e “A Terceira Margem do Rio”: análise de *corpus***

Para desenvolver o objetivo desse trabalho será realizada uma abordagem epistemológica, fornecendo instrumentos necessários para centrar os objetos de estudo, gerando debates, indagações pertinentes aos princípios poéticos das canções contemporâneas “O quê” de Arnaldo Antunes e “A Terceira Margem do Rio”, de Caetano Veloso e Milton Nascimento.

Arnaldo começou no grupo Titãs fazendo letras de músicas, logo se deu conta que algumas de suas letras poderiam ser poesia de livro, quando direcionada para a folha de papel. “O quê” cantado virou um rock já no livro revelou-se um poema concreto. A poesia concreta,

trabalhando de forma integrada ao som, a visualidade e o sentido das palavras, propõe novos modos de fazer poesia, visando à arte da palavra a poesia concreta busca uma nova realidade neste seguimento da arte, rompendo com o verso tradicional e sua forma tradicional de disposição e rima. Assim a canção de Arnaldo transformou-se em um poema.

O quê

Que não é o que não pode ser que  
Não é o que não pode  
Ser que não é  
O que não pode ser que não  
É o que não  
Pode ser  
Que não  
É  
O que não pode ser  
Não é o que não pode ser  
Que não é o que  
O que?  
O que?  
O que?  
Que não é o que não pode ser que não é. (ANTUNES, 1987).

Esta letra de música que é um poema discursivo sucinto e muito bem realizado poeticamente apresenta uma ideia de negação. O que importa é o que não é que não pode ser. Doravante ao transferir as pausas do rock, ou dos versos que podem ser lidos com uma falta de pontuação ausente, abre possibilidades de novos ritmos, novas sintaxes e novos sentidos. “O que não pode ser”, de repente transforma-se em “pode ser que não”. Esse jogo de deslocamentos confere ao poema inúmeras leituras, que sempre se transforma e termina com uma interrogação: O que? O verbo “ser” define por excelência, passa a ser trincado por dentro de seu sentido ocidental (sentido afirmativo, como por exemplo, isto é aquilo), e abre-se para o pensamento oriental em que tudo pode ser e ao mesmo tempo pode não ser.

O poema/canção é um questionamento da linearidade de pensamentos culturais, aqui é entendida como cultura imediata. Essa canção de Arnaldo Antunes constrói através de relações dialógicas entre o enunciado do todo e da parte da negação e da afirmação, da rede de

refrações que se multiplicam a polissemia. Daí o lúdico que se dá como convite ao leitor/ouvinte para que seja co-autor do poema, aplicando-lhe significados as variedades e as matrizes. No entanto, é exatamente na interação entre o texto linguístico e o texto musical que a canção constrói o seu sentido. Luiz Tatit, em seu Livro *Semiótica da Canção: Melodia e letra*, diz que, temos hoje ferramentas para analisar dentro de um mesmo campo teórico, letra e melodia e a interação entre ambas, este fato está descrito em seu modelo *Semiótica da Canção* (Tatit, 1994).

Em “o que” a busca pela significação, bastante evidente, é um movimento de contínuo deslocamento de significados em busca da essência da palavra semiótica. Em momento algum o poema qualifica “o que” do título. Se for uma afirmativa como o título do poema é também uma interrogação, ou como o corpo do poema. No poema citado/canção a função comunicativa se dá pelo vocativo interrogativo/ afirmativo presente em todo poema. O ritmo do poema, que Antônio Candido (1987,47), é uma cadência regular definida por um compromisso, passa por desdobramento do poema, e tal procedimento características circularem. O poema visivelmente opera uma economia de versos, o que se estende a letra da música, condensa-se a materialização do poema.

A próxima canção a ser analisada será *A terceira margem do rio*, de Caetano Veloso e Milton Nascimento. Extraído do conto *A terceira margem do rio* de Guimarães Rosa.

Oco de pau que diz:  
Eu sou madeira, beira.  
Boa, da val, tristriz  
Risca certa  
Meio a meio o rio ri  
Silencioso, sério  
Nosso pai não diz, diz:  
Risca terceira  
Água da palavra  
Água calada pura  
Água da palavra  
Água da rosa dura  
Proa da palavra  
Duro silêncio, nosso pai.  
Margem da palavra  
Entre as escuras duas



Margem da palavra  
Clareira, luz madura.  
Rosa da palavra  
Puro silêncio, nosso pai.

Meio a meio o rio ri  
Por entre as árvores da vida  
O rio riu, ri  
Por sob a risca da canoa  
O rio viu, vi  
O que ninguém jamais olvida  
Ouvi, ouvi, ouvi  
A voz das águas  
Asa voz das águas  
Asa da palavra  
Asa parada agora  
Casa da palavra  
Onde o silêncio mora  
Brasa da palavra  
A hora clara, nosso pai  
Hora da palavra  
Quando não se diz nada  
Fora da palavra  
Quando mais dentro aflora  
Tora da palavra  
Rio, pau enorme, nosso pai. (NASCIMENTO, Milton e VELOSO, Caetano. 1991, faixa 9.).

O conto de Guimarães Rosa A terceira margem do rio, conta a história de um homem que se esquia de toda e qualquer interesse com a família e com a sociedade, permanecendo em completa solidão com o rio, lugar em que, dentro de uma canoa, rema “rio abaixo, rio a fora, rio adentro” por ter esse comportamento diferente ele é visto como um desequilibrado, por todos.

Seu filho é o narrador-personagem dessa forma, relata todas as tentativas da família, parentes, vizinhos e conhecidos de estabelecer algum tipo de comunicação com o solitário remador, que mesmo assim recusa qualquer contato.

A família, sem ter mais o que fazer vai-se acostumando com seu abandono do pai, todos seguem sua vida, mudam-se daquele lugar, se casam, ou seja, o tempo transcorre naturalmente.

Seu filho tenta de todas as formas entender as atitudes de seu pai, porém é em vão, chega até ao ponto de propor tomar o lugar do pai na canoa, e vendo que o mesmo concordara ele sai desesperado.

O narrador-personagem nos transmite em seus relatos um ser humano cujos ideais de vida divergem dos padrões aceitos como normais, tendo o personagem principal atitudes que afrontam e perturbam seus familiares e conhecidos.

O único a persistir na busca de entendimento da opção do pai é o narrador, que não descuida dele e chega a desejar substituí-lo. A escolha do isolamento no rio instiga permanentemente o filho. Este é levado a questionar o próprio existir humano, sendo perceptíveis as indagações decorrentes na narrativa.

De acordo com Amador Ribeiro Neto, Caetano Veloso, ao produzir em 1991, a letra da canção “A terceira Margem do Rio” homônima conferiu sob a forma e poesia ao conto uma abordagem crítico-criativa que defendeu como criativa e esclarecedora. Caetano ateu-se ao processo de criação em arte, interpretando o conto sob a forma de uma nova criação, valeu-se do conto para gerar um poema, (uma letra de música), metacrítica. A música de Milton Nascimento busca somar uma perfeita unidade composicional, letra e música em um mesmo bloco, engenhosamente construída, que torna indispensável enquanto obra, sem perder, evidentemente as qualidades da década, os códigos, verbo e o musical. Amador percebe em sua análise a sutileza nesta comunicação, que visa detalhar a ótica de abordagem de Caetano Veloso, buscando desvelar “o Rosa de Caetano”. Visando focalizar comparativamente, a prosa do conto e a poesia da canção enquanto margem do mesmo rio: o rio das linguagens artísticas e críticas, sempre sob o signo de semiótica.

No conto a voz que fala é a da testemunha dos fatos: o filho, sem nome, que narra a posteriori, às vezes sobre a ótica dos familiares e amigos. Com isso a dubiedade se instaura onde mesmo se buscava mais objetividade, no ponto de vista do outro, em confronto com o personagem-narrador. Toda trama passa pelo sutil olhar e das palavras do filho. A fala das testemunhas chega até o leitor por meio do reconto do filho. O próprio título já remete o leitor um universo indeterminado de significado, o personagem-narrador vem apenas mexer mais nestas águas nada límpidas. A obra submete um narrador tipicamente moderno, com traços arcaicos e modernos da poesia. Adotando outro sentido, na

letra de Caetano é o barco quem fala. Melhor dizendo é *o oco de pau que diz*. O ouvinte de imediato é mergulhado em um universo poético de representações. Aceitar que a madeira tenha voz é mergulhar no universo de representações poéticas e aceitar como verossímil, não lógico dos acontecimentos, mas a analogia dele, arquitetadas pelo próprio texto. O eu-poético atua como autoridade. O ouvinte sente-se o chão faltar como se tivesse em uma canoa, á revelia das águas. O movimento das águas neste titubear de compreensões.

Milton Nascimento percebe bem a letra ao identificar uma melodia ritmo-melancólico, o objeto inominado e perdido. A harmonia é requintada, montada sobre acorde de delicadezas, sutilezas próprias da canção popular pós Bossa Nova. Letra e música, ou seja, canção é o encontro dos jogos de significantes. A melodia apresenta dois momentos: um bem ritmado, que Luiz Tatit chama de tematização: o predomínio dos ataques consonantais imprime movimento que chega ao corpo do ouvinte, levando-o a mover-se; dançando, balançando a cabeça e o os pés. O segundo é marcado por um alongamento das vogais, principalmente ao de final de verbo, levando o ouvinte a ficar em estado de relaxamento. Aqui a melodia toma contornos mais subjetivos, levando o ouvinte sensação de muitas vezes, melancolia. No caso, a letra que não difere seu objeto de tensão, leva o ouvinte a oscilar entre euforia e depressão, sempre sem saber conscientemente porque ele ouve e reage assim. Todavia o objeto não se explica fora da letra, como uma referência a algo exterior, a semiótica nos orienta a buscar os objetivos na construção do mesmo, na edificação da linguagem.

Caetano Veloso faz do conto de Guimarães Rosa uma leitura que recorta a palavra e seu lugar no texto literário como motivo e como razão da letra que compõe. Não é apenas uma letra adaptada conto ou feita para ele. É uma letra que associa criação e crítica numa mesma obra. A terceira margem do rio, não é para Caetano Veloso um referente exterior ao canto: A voz do eu-lírico observador de terceira pessoa (meio a meio o ri o ri) é também da personagem participante na primeira pessoa (por entre a risca da canoa/o riu, vi), que se funde na primeira pessoa do pretérito perfeito ou segunda do plural do imperativo (ouvi,

ouvi, ouvi/ a voz das águas). O que o canto da palavra transparece claro ao final: *a hora, nosso pai / quando não se diz nada fora da palavra*. E a enunciação trágica final é também uma qualificativa. O rio, a canoa, o pai: os três elementos que foram as três margens, ou o rio, que é um *fálus* enorme, é nosso pai. O rio enquanto metáfora do tempo. O tempo é nosso pai

## CONCLUSÃO

Essa pesquisa foi fundamentada no estudo da literatura na contemporaneidade, como a poética é realizada nas canções contemporâneas, no qual teve embasamentos teóricos para nortear esse trabalho. Percebendo a essência da literatura os Formalistas Russos descobriram como a linguagem perdia seu estado de função natural e iam ganhando novo caráter de linearidade em busca de uma autonomia na linguagem poética.

Ao concluir o presente trabalho percebe-se a importância dos elementos sociais e culturais integrados a obra musical, entretanto esses elementos não são encarados como antes, mas sim, encarados como elementos que constroem sentidos e significados, convidando o leitor/ouvinte a interagir na leitura, ampliando ainda mais o leque de possibilidade que a obra literária possibilita.

É impressionante o talento desses compositores e poetas assim como Caetano Veloso, Milton Nascimento e Arnaldo Antunes, que com sutileza enxergam a poética de uma simples palavra e a transcrevem em belíssimas canções populares. Conclui-se que para compreender o sentido de um poema/música torna-se necessário analisar os vários sentidos que as compõe observando as múltiplas funções existentes em uma obra literária.

## REFÊRENCIAS:

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Edição de Ouro, 1969

ANTUNES, Arnaldo. **Psia. 3 ed. Corrig.** São Paulo: Iluminuras, 1991.

CANDIDO, Antônio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: FFLCH/USP, 1987. (Col. Terceira leitura, v.2)

JAKOBSON, Raman. **Linguística e comunicação**.  
PERRONE, Charles A. **Letras e Letras da MPB. 2 ed.** Rio de Janeiro: Booklink, 2008.

PIGNATARI, Décio. **O que é comunicação poética**. 8ª ed. São Paulo: Aeliê Editorial, 2005.

RIBEIRO NETO, Amador. **A linguagem da poesia. VI. 4.**

ROSA Guimarães. **“a terceira margem do rio”**

TATIT, João Luiz. **Análise Semiótica através das letras**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001-----. *O cancionista: composição de canções no Brasil*. 2 ed. São Paulo: EdUSP, 2002.

TATIT, João Luiz. **Semiótica da canção: melodia e letra**. 1994. São Paulo, escuta, 290 p. (2ª edição: 1999. 3ª edição: 2007)

VELOSO, Caetano & NASCIMENTO, Milton. **“A terceira margem do rio”**. In: VELOSO, Caetano. *Circulado*. Philips/PolyGram, 1991, faixa 9